

Têrça-feira, 2 de Dezembro de 1958

s as Pensões os Institutos

RUBEM BRAGA

A "GAFFE" É NOSSA

NÃO posso imaginar que resultado prático terá essa «Operação Pan-Americana», mas acho que o simples fato de haver sido lançada já tem algum mérito intrínseco. As declarações do sr. Schmidt nos Estados Unidos e o discurso do presidente Juscelino na Escola Superior de Guerra — documentos visivelmente baseados nos mesmos estudos feitos no Itamarati — podem não modificar ponderavelmente a atitude do governo norte-americano. Mas valem. Pelo menos estamos dizendo o que queremos, o mínimo que nós queremos. Até há bem pouco tempo, a atitude do Brasil nesses assuntos era de uma passividade melancólica. Em cada Conferência Pan-Americana aparecia um ou outro chanceler latino a cometer a inconveniência de dizer algumas verdades aos poderosos irmãos do Norte. Nossos diplomatas coçavam a cabeça e sorriam discretamente diante daquela «gaffe» — e tratavam sempre de trabalhar para o amaciamento da situação, propondo alguma declaração jeitosa e inócua para salvar as aparências.

Agora a «gaffe» é nossa. É a própria base de nossa política internacional. Cometemos a «gaffe» de dizer com franqueza que a atual política norte-americana em relação aos países da América Latina só conduz a uma coisa: a desigualdade cada vez maior entre a potência deles e a fraqueza nossa. A desvalorização cada dia mais acentuada do trabalho de nosso homem — seu produto valendo cada vez menos em relação aos produtos que precisamos importar. Cometemos também a «gaffe» de citar a União Soviética em discurso oficial sem falar em tirania, em escravidão, em ateísmo, em comedores de criancinhas — apenas citando o que ela apresenta de positivo e de promissor como elemento do mercado internacional.

Pode ser, e é mesmo provável, que a «Operação Pan-Americana» tenha sido lançada com erros de técnica diplomática; que alguns de seus executantes não estejam à altura da missão; que tenha havido precipitações e levandades. Mas o principal está feito: cometemos a «gaffe». Agora o que nós resta a fazer é sustentá-la, pois uma boa «gaffe» não tem consêrto nem desculpa.